

# CARTA DO NORDESTE

## FAZ ESCURO, MAS EU CANTO

Neste contexto de emergência climática, nós, participantes do Seminário de Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental do Nordeste, reunidos, virtualmente, nos dias 23 e 24 de outubro de 2020 e representando os estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão, **denunciamos as agressões gravíssimas que os biomas da região (Zona Costeira, Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga) estão sofrendo, mas também tornamos pública a nossa esperança.**

A emergência climática não é apenas uma ameaça, mas um fato real e corrente. Os relatos dos seminários estaduais confirmam a existência de eventos preocupantes: áreas do semiárido se tornando áridas, temperaturas em elevação, redução das precipitações, solos em degradação, desertificação, aumento da evaporação e da evapotranspiração, desmatamento para instalação de fazendas solares, mineradoras e parques eólicos, esgotamento do rio São Francisco, avanço do nível do mar, salinização dos lençóis freáticos, redução da biodiversidade, erosão na zona costeira, ondas de calor e baixa umidade.

Os impactos do aquecimento global reforçam injustiças e desigualdades históricas, por isso, há uma necessidade premente de soluções socioambientais justas que saibam juntar os saberes populares e tradicionais com o conhecimento acadêmico.

Todos os quatro biomas presentes no Nordeste brasileiro são palco de disputa entre o grande capital e as comunidades locais. Agronegócio, indústria pesada, mineração, especulação imobiliária, carcinicultura, pesca predatória, exploração do petróleo, com riscos de vazamentos de óleo e outros, representam um ataque contínuo ao ambiente natural e às condições humanas de vida.

O desenvolvimentismo, com seus grandes empreendimentos, significa um aumento acelerado nas emissões de carbono em todo o Nordeste. Seus agentes, que recebem incentivos fiscais, apoio em infraestrutura e outras benesses do poder público, lançam enormes quantidades de CO2 na atmosfera, na contramão do Acordo de Paris e em contradição com a legislação nacional e estadual sobre mudança do clima.

Á água, especialmente no semiárido, não pode ser tratada como mercadoria, insumo e recurso hídrico, mas considerada bem comum de todos os seres vivos, humanos e não humanos, para abastecer cidades, comunidades e manter os ecossistemas.

Os grandes empreendimentos de armazenamento e distribuição de água são instrumentos de acumulação capitalista para o agronegócio exportador, para as grandes indústrias e mineradoras, que devastam o meio ambiente, comprometem a saúde das pessoas e da natureza com o uso de agrotóxicos, emissão de poluentes e rejeitos de mineração. Soma-se a isso o fato do Brasil não dispor de uma política universal de esgotamento sanitário, transformando as cidades em grandes emissores de efluentes que poluem e esgotam fontes de água, rios e mananciais.

A cobiça predatória ilude a opinião pública com falsas soluções, apontadas como limpas por emitirem menos carbono, como, por exemplo, a energia eólica de empresas, que desaloja comunidades, agride o ambiente e a paisagem, fragilizando ecossistemas frágeis em praias e serras; a energia nuclear, com o projeto de instalação de uma central atômica em Pernambuco; e a mina de urânio e fosfato no Ceará que, seguindo os passos de Caetité, na Bahia, anuncia falsas promessas de emprego, mas cujos produtos são de fato a degradação ambiental e a contaminação dos rios e da água. Os estados agem como cúmplices das empresas, dividindo as comunidades, cooptando-as e intimidando-as.

Representando, neste seminário, comunidades urbanas e rurais de nossos estados, a partir dos nossos territórios e do nosso chão, reafirmamos outra perspectiva.

Em lugar de uma sociedade doente, desigual, violenta -- que só pensa em extrair, produzir, consumir e descartar, colocando em risco o clima e a biodiversidade do planeta -- queremos uma sociedade justa e igualitária, democrática e diversa, em harmonia com a natureza, cheia de afetos e de sentidos, a sociedade do Bem Viver!

**Não às promessas falsas e enganosas das empresas de energia eólica e solar!**

**Não à energia nuclear!**

**Não às fontes fósseis de energia!**

**Não à mineração!**

*Os participantes do Seminário Regional Nordeste do Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental*